

Indução

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Até aqui, a discussão cobriu dois detalhes sobre o qual o empirismo tem falhado: imagens e causação. Um terceiro detalhe – mas note que a palavra *detalhe* não implica algo desconexo de todo o restante, pois tudo é inseparável de tudo o mais – é a questão da indução e proposições universais. O Cristianismo seria impossível sem proposições universais. Uma proposição universal é uma sem exceções: Todos os cachorros são caninos, e nenhum cachorro é gato. Isto se aplica a todos os cachorros e a todos os gatos, universalmente, sem exceção. As leis da física são universais, tais como $E = mc^2$. Supostamente não há nenhuma exceção. Mas Einstein é muito avançado para apologética ordinária. Que o exemplo seja este: A água ferve a 100°C . Certamente ela deve ferver, pois isto é como alguém define *centígrado*. Assim, a água entra em ebulição a 100°C , se a água estiver ao nível do mar, se não houver nenhuma tampa na panela, se o barômetro estiver precisamente em 30 polegadas, e se – eu não posso lembrar o que vem a seguir. Em teologia, os universais não têm exceções, mas na física os universais são todos falsos. Talvez a botânica seja melhor. Todos os cactos são suculentos, e nenhuma ocotilla é um cacto. A Bíblia também afirma universais, proposições, mas diferente da física, elas são todas verdadeiras. Algumas podem ser chamadas adágios, tais como “o que ama a correção ama o conhecimento” (Provérbios 12:1) e “a sabedoria é mais excelente do que a estultícia” (Eclesiastes 2:13). Outras são aquelas que a maioria das pessoas chama de teológicas: “O justo viverá pela sua fé” (Habacuque 2:4); e “se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da Cidade Santa, que estão escritas neste livro” (Apocalipse 22:19). Todas estas, incluindo a última, são redutíveis à forma afirmativa universal: todo a é b. O primeiro destes exemplos se torna: Todos amantes da instrução são amantes do conhecimento. O último é mais complexo: Todas as pessoas que removem algo da profecia são pessoas a quem Deus castigará.

Agora, quer o assunto seja teologia, moralidade ou física ordinária clara, o empirismo não pode produzir nem justificar qualquer proposição universal. A explicação é óbvia: a experiência nunca é universal. Totalmente aparte do erro variável envolvido em todas as mensurações de laboratório, uma dezena ou milhares de experimentos nunca abrangem todos os pêndulos que existem agora, que existiram, e que existirão. Pior ainda, a lei na física não é verdadeira de nenhum pêndulo visível, pois a física assume que um pêndulo balança a partir de um ponto sem fricção, sobre um fio sem tensão, com o peso do pêndulo concentrado num ponto. Em adição a estas impossibilidades, um pêndulo em Londres não balança como em Washington, pois a latitude muda a equação. Estas quatro razões, e há provavelmente outras, impede o físico de ter qualquer base lógica para afirmar: “Todos os pêndulos...”. A física de fato tem universais, mas nenhum deles é verdadeiro.¹

¹ Nota do tradutor: Em outro lugar, Clark explica mais detalhadamente o caso do pêndulo: “A lei do pêndulo declara que o período do balanço é proporcional à raiz quadrada do comprimento. Se, contudo, o

Mas se alguém é deficiente em lógica e métodos laboratoriais, a história deveria convencê-lo. Anos atrás cientistas abandonaram cada uma das leis de Newton, até mesmo as suposições básicas de que espaço e tempo são estruturas independentes dentro das quais as coisas se movem. Tudo que o Departamento de Física da Universidade da Pensilvânia me ensinou em 1921 foi agora descartado. Todavia, mesmo uma revolução tal como esta não é tão importante quanto o princípio básico de que a experiência é sempre limitada e nunca pode ser universal.

Pode também ser observado que a física é o procedimento empírico mais cuidadoso que o homem conhece. Se o cuidado extremo da observação laboratorial não resulta em verdade, como as experiências descontroladas e desatentas da vida diária podem fazer melhor?

A maioria dos físicos, desafortunadamente, presta pouca atenção às implicações dos princípios filosóficos. Os cientistas mais teóricos, e, portanto, mais superiores, percebem a sua situação. Um deles foi Herbert Feigl, talvez o melhor porta-voz da sua escola do positivismo lógico. Mas ele foi lógico num sentido muito ilógico, pois ele substituiu a dedução, ou o raciocínio válido, por indução, ou raciocínio inválido. Eu tenho um respeito muito sincero para com Herbert Feigl, com quem desafortunadamente nunca me encontrei. Eu não devo chamá-lo de o mais honesto, ou nem mesmo um dos pensadores mais honestos de qualquer escola, pois sem dúvida 99,99% de todos os físicos são honestos. Mas Feigl foi certamente mais perspicaz do que quase qualquer outro com referência à imensidão e profundeza abismal do grande golfo estabelecido entre os cristãos e ateístas. O seguinte parágrafo é soberbo:

Talvez a divisão mais decisiva entre as atitudes filosóficas é aquela entre o tipo de pensamento deste mundo e de “outro mundo”. Diferenças profundas em personalidade e temperamento se expressam nas formas sempre mutáveis que estes dois tipos de perspectivas assumem. Muito provavelmente há aqui uma divergência irreconciliável. Ela é mais profunda do que a discordância em doutrina: na realidade, ela é uma diferença no objetivo e interesse básico. Incontáveis discussões e controvérsias frustradas desde a antiguidade testificam que o argumento lógico e a evidência empírica são incapazes de resolver o conflito. Em última análise, isto é assim porque a própria questão do poder jurisdicional do apelo à lógica e experiência (e com ela, a questão de simplesmente o que a evidência empírica pode estabelecer) está em jogo.

2

O Dr. Cornelius Van Til, do Seminário Westminster, tem irritado os apologetas empiristas ao insistir que não há nenhum “terreno comum” compartilhado por

peso do pêndulo é distribuído de maneira desigual ao redor do centro, a regra não funcionará. A lei assume que o peso do pêndulo é homogêneo, que sua força é simetricamente distribuída ao longo de todos os eixos, ou mais tecnicamente, que a massa é concentrada num ponto. Nem tal peso existe, e, por conseguinte, a lei não é uma descrição exata de nenhum pêndulo tangível. Segundo, a lei presume que o pêndulo balança quando ligado a um fio sem tensão. Não existe tal fio, de forma que a lei científica não descreve nenhum pêndulo real. E terceiro, a lei pode ser verdadeira somente se o pêndulo balançar sobre o eixo sem fricção. Não existe tal eixo. Segue-se, portanto, que nenhum pêndulo visível concorda com a fórmula matemática e que a fórmula não é a descrição de nenhum pêndulo existente” (Citado por W. Gary Crampton, em “A Visão Bíblica da Ciência, disponível no *Monergismo.com*).

² *Logical Empiricism (Living Schools of Philosophy*, ed. Dagobert Runes [Ames, Iowa: Ltlefield, Adams, and Co., 1956]), 325.

crentes e incrédulos – isto é, se ambos forem consistentes com os seus princípios. O objetivo empírico é descobrir algum ponto de concordância que eles possam usar ao convencer algum homem da verdade do Cristianismo. O Dr. Van Til nega que haja tal concordância. Bem, há uma concordância de tipos: Van Til e Feigl concordam que não há nenhuma concordância, nenhuma proposição sustentada em comum a partir da qual uma doutrina cristã, ou qualquer outra coisa, possa ser deduzida. Leia o parágrafo soberbo de Feigl novamente.

Para um anti-cristão, Feigl está espantosamente correto ao contrastar a mentalidade terrena com a mentalidade celestial. Ele reconhece uma divergência irreconciliável de interesses. Eu não afirmaria que ela é “mais profunda do que a discordância em doutrina”, pois “objetivo e interesse” são elas mesmas partes da doutrina. Naturalmente, o argumento lógico e a evidência empírica são incapazes de resolver o conflito, “porque a própria questão do poder jurisdicional... está em jogo”. É precisamente assim: o que a sua teoria considera como evidência, o apriorismo cristão – pressuposicionalismo, ou seja qual for o nome que pareça apropriado – considera como enganoso.

Umhas poucas linhas adiante Feigl continua:

Sempre haverá aqueles que acharão este nosso mundo como: sendo cruel e deplorável como ele pode ser em alguns respeitos, ou excitante, ou um lugar fascinante para se viver... E sempre haverá aqueles que olharão para o universo da experiência e da natureza como uma coisa sem importância e secundária em comparação com algo mais fundamental e significativo.

Se há algum desvio leve da verdade aqui, o mesmo estaria na frase ambígua “cruel e deplorável... em alguns respeitos”. Mas isto é mais um desvio na ênfase, pois literalmente a frase é verdadeira o suficiente, a despeito dos massacres e terrorismos da história. A diferença poderia estar na relação entre o que dois homens consideram deplorável. Além do mais, o cristão aceita relutantemente o que é deplorável por causa da sua crença de que Deus ordena isto desta forma para o benefício de seus adoradores, quer nesta vida ou na vindoura. Onde não há mais Deus além do que pode ser encontrado na experiência, o suicídio parece ser a única solução satisfatória: “Se Cristo não ressuscitou, somos os mais miseráveis entre os homens”. E se outros são levemente menos miseráveis, é ainda um mistério o porquê eles não terminam logo com tudo.

Sem dúvida xadrez e física fornecem algum divertimento temporário. Que a astronomia encontrou uns poucos buracos negros é digno de anúncio na televisão. Mas Feigl trata seus oponentes muito positivamente quando ele os descreve como achando a “natureza como uma coisa sem importância e secundária em comparação com algo mais fundamental e significativo”. Esta pode ser uma declaração verdadeira se baseada em axiomas cristãos. Mas se baseada nos próprios axiomas não-cristãos de Feigl, o mundo, longe de ter importância secundária, não tem importância alguma. É doloroso o suficiente viver na esperança cristã. Continuar sem ela é inexplicável.

Falando coloquialmente, parece que o único avanço proveitoso na ciência foi o avanço na medicina. A física nuclear é um retrocesso dos dias melhores dos

arcos e flechas. Até mesmo a medicina perde seu valor num mundo de positivismo lógico, pois, em primeiro lugar, o positivismo lógico não pode justificar nenhum valor alegado; e em segundo lugar, a pessoa curada retorna à miséria da vida ordinária. Até mesmo o apóstolo Paulo disse: “Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne” (Filipenses 1:23-24).

Manifestadamente, Feigl não pode estar contente com meramente distinguir esta ou aquela religião do seu cientismo, não importa quão polidamente ou perspicazmente ele faça isso. Ele deve defender a possibilidade do conhecimento científico. Aqui também ele é mais claro e definido do que a maioria dos outros. Ele reconhece que proposições universais não podem ser validamente obtidas pela experiência. O que então justifica a afirmação de uma lei da física? Além de definição ostensiva e algum princípio de verificação ou outro, seu procedimento real é a indução. A metafísica racionalista dedutiva é completamente destituída de significado factual.

Ele reconhece o que todo cientista sabe, que a observação direta válida pouquíssimas afirmações. Deve haver indução e probabilidade. Nem pode alguém justificar a indução em si. A pessoa deve simplesmente assumir que observações fornecem amostras corretas. Note, contudo, que esta suposição é frequentemente falsa. Mas Feigl tem uma solução impressionante para o seu problema. A validade de qualquer processo de justificação deve ser prova dedutiva ou evidência indutiva. “O processo de indução, portanto, longe de ser irracional, define a própria essência da racionalidade”.

Uma pessoa fica confusa ao argumentar contra esta posição. A indução é válida porque a ciência a usa, e a ciência a usa porque ela é válida. Argumentamos que o positivismo lógico é irracional porque ele alega estabelecer leis universais sobre observações limitadas; e o positivismo lógico argumenta que somos irracionais porque não usamos a inferência necessária. Agora, a inferência necessária não produz tanta verdade como a maioria das pessoas deseja. Mas a inferência desnecessária não chega em nenhuma verdade, de forma alguma.³

Para o alívio da tristeza sofrida pelo público geral que lê este módico de technicalidade, um exemplo muito simples pode ser adicionado. O positivismo lógico não pode concluir que todos os pintarroxos⁴ têm peito vermelho simplesmente por causa de dois ou três vistos na grama. E certamente, eles não concluem que todos os átomos de carbono têm o peso de 12.1 ao colocar meia dúzia deles numa balança. Provavelmente, menos da metade pesem 12.1. Alguns supostamente pesam 14.⁵

Contudo, Feigl faz um ponto incontestável. Sua escolha da indução, como uma escolha, mostra que qualquer sistema deve ter um ponto de partida. Se um sistema não tem nenhum ponto de partida, ele não pode começar, não é

³ Compare meu livro *Philosophy of Science and Belief in God* (Jefferson: The Trinity Foundation, 1987) 58-62, -105-108, onde uma análise de experimentação laboratorial mostra que os cientistas sempre escolhem suas leis sobre a base de preferências estéticas.

⁴ Nota do tradutor: Pássaro fringilídeo, que vive na Europa e cujo canto é muito suave.

⁵ Para technicalidades adicionais destrutivas da posição de Feigl, incluindo o que eu tomo como sendo uma contradição definida, veja meu livro *Language and Theology* (Jefferson: The Trinity Foundation, 1993 [1980]), capítulo 7, especialmente a página 62.

mesmo? Mas um ponto de partida não pode ter sido deduzido ou baseado em algo anterior para começar, pois nada é anterior ao começo, correto? Todo sistema, portanto, cada sistema tentado, deve ter um axioma original e não deduzido. Nosso querido amigo Aristóteles observou isto, pois ele argumentou que se todas as proposições tivessem sido deduzidas, elas regressariam ao infinito, com o resultado de que nada poderia ser deduzido.

Visto que até mesmo o Comunismo não pode impedir alguém de escolher seja quais forem os princípios que lhe pareçam ser os melhores, o cristão escolherá o Deus da verdade, ou, se alguém preferir, a verdade de Deus. Ele então procede por dedução, isto é, pela lei da contradição, pois a lei da contradição está embutida na primeira palavra de Gênesis. *Bereshith, no princípio*, não significa *quase no princípio*. Ou seja, a Escritura assume por toda a parte a lei da contradição, a saber, que uma verdade não pode ser falsa. Visto que a dedução é inferência necessária, nenhuma dedução adicional – para não dizer indução – pode refutar o que tem sido provado. ⁶ Consequentemente, o conhecimento possível para os seres humanos consiste dos axiomas da Escritura e das deduções extraídas dela. Nós de fato podemos abrigar opiniões sobre Colombo, e por acidente ou boa sorte elas podem ser verdadeiras; mas não podemos saber. Nosso querido pagão Platão, no final de seu livro *Mênon* (98b), declarou: “Que há uma diferença entre opinião correta e conhecimento (*ortheme*) não é de forma alguma uma conjectura minha, mas algo que eu particularmente afirmo saber”.

Fonte: Capítulo 8 do livro *Lord God of Truth*, Gordon H. Clark, Trinity Foundation, p. 35-40.

Sobre o autor: Gordon Haddon Clark (31/8/1902 – 9/4/1985), filósofo e teólogo calvinista americano, foi o primeiro defensor do conceito apologético pressuposicional e presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Especialista em Filosofia Pré-socrática e Antiga, tornou-se conhecido pelo rigor na defesa do realismo platônico contra todas as formas de empirismo e pela afirmação de que toda a verdade é proposicional e pela aplicação das leis da lógica.

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo*.

⁶ Se uma série de axiomas inclui contradições, tudo pode acontecer: Colombo descobriu a América tanto em 1492 como em 1942; Jerusalém está na Palestina como também na China; $2+2=4$ e $2-2=4$. Isto significa nada menos que a série de axiomas é destituída de significado.